

LIÇÃO Nº 10 – UMA ESPERANÇA INABALÁVEL PERANTE OS PODEROSOS

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 05/09/2026.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

Atos 24.16

E, por isso, procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Atos 24.1-6,10-16

1 Cinco dias depois, o sumo sacerdote, Ananias, desceu com os anciãos e um certo Tértulo, orador, os quais compareceram perante o governador contra Paulo.

- Como historiador, Lucas gostava da cronologia. Assim, aqui ele começa o relato dizendo cinco dias depois (1). Mas existe uma diferença de opinião sobre como estes deveriam ser computados. Knowling diz: “Mais provavelmente, os cinco dias devem ser contados a partir da chegada de Paulo a Cesaréia, e não da sua prisão em Jerusalém, nem da sua saída de Jerusalém a caminho de Cesaréia”. Lake e Cadbury concordam, assim como muitos outros. Hackett entende que este significa o quinto dia depois que Paulo deixou Jerusalém. Ele escreve: “A fuga da conspiração dos judeus está mais próxima à mente aqui depois do que foi narrado; e, além disso, de acordo com o uso romano, um caso assim referido deveria ser julgado no terceiro dia, ou tão cedo quanto fosse possível”.

- O sumo sacerdote, Ananias, desceu de Jerusalém, acompanhado por alguns anciãos e um certo Tértulo, orador. A palavra grega para orador significava, originalmente, alguém que falava em público (o grego sugere “retórico”). Mas ela veio a ser usada como sinônimo de “advogado” (Phillips) ou “procurador” (NASB). Não se sabe ao certo se Tértulo era judeu, romano, ou grego. “Nos versículos 3,4 e 6, ele fala de si mesmo e de seus clientes como “nós”, mas no versículo 2 ele fala de ‘este povo’, e no versículo 5, de ‘os judeus’”. A referência a “nossa lei” (6) e a linguagem do versículo 7 certamente implicam que Tértulo era um judeu. Mas a última frase do versículo 6, todo o versículo 7, e a primeira frase do versículo 8 são omitidas nos primeiros e melhores manuscritos. Assim, estas passagens não podem ser usadas como evidências. Os costumes daquela época suportam a idéia de que o advogado fosse um gentio. Knowling diz: “Tértulo, aparentemente, fazia parte do grupo de defensores contratados, freqüentemente empregados nas províncias por aqueles que não tinham conhecimento da lei romana”. O julgamento foi provavelmente conduzido em grego. O termo compareceram (ou apresentaram, conforme algumas versões) aparece novamente em 25.2,15. Knowling diz: “O verbo parece ser usado nestas passagens como um tipo de termo técnico que indica apresentar uma informação formal perante um juiz”. E usado desta maneira pelo contemporâneo Josefo.

- Tértulo iniciou o seu discurso com uma eloquente bajulação (2-3), que é ainda mais ofensiva por ser completamente falsa. Félix era odiado, não apreciado, pelos judeus. A história da sua vida pode ser tudo, menos digna de elogios. Nascidos como escravos, ele e a sua mãe aparentemente foram libertos por Antônia, a mãe do imperador Cláudio. O seu irmão tornou-se um grande favorito de Cláudio e, como resultado, Félix foi feito procurador da Judéia. Ele governava com mão pesada. Lumby escreve: “O caráter de Félix, segundo historiadores romanos e também judeus, é o de um governador mesquinho e devasso, e nem mesmo os tempos turbulentos em que ele viveu são suficientes para desculpar a severidade da sua conduta”. O único grão de verdade no que Tértulo disse foi a referência a tanta paz. Félix realmente extinguiu os grupos de ladrões da Judéia. Mas mesmo nisto ele agiu com excesso. Knowling comenta: “A sua severidade e crueldade eram tão grandes que ele somente adicionava lenha à fogueira da ira e das incitações para motins, Josefo, Ant., xx., 8, 6 B.J., ii., 13, 6, embora não hesitasse em empregar o Sicarii para livrar-se de Jônatas, o sumo sacerdote, que insistia em que ele fosse mais digno do seu cargo”. Schuerer chega a dizer: “O final do governo deste homem constitui provavelmente o momento-chave do drama que tinha se iniciado em 44 d.C. e que atingiu o seu ponto máximo durante os conflitos sangrentos de 70 d.C.”. Durante a administração de outros procuradores, ocorreram levantes esporádicos contra Roma, mas “sob Félix a rebelião se tornou permanente”.

2 E, sendo chamado, Tértulo começou a acusá-lo, dizendo:

- Muitos e louváveis serviços (2) é uma única palavra em grego, e literalmente quer dizer “reformas”. A expressão é traduzida adequadamente como “reformas estão sendo executadas” (NASB/ NTLH).

3 Visto como, por ti, temos tanta paz, e, por tua prudência, se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, sempre e em todo lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos reconhecer.

4 Mas, para que te não detenha muito, rogo-te que, conforme a tua equidade, nos ouças por pouco tempo.

- A linguagem aqui está de acordo com os costumes daquela época. Para que te não detenha muito (4) é uma expressão que pode ser traduzida como “para não tomar muito do seu tempo” (NEB). Sobre equidade — “bondade, graça” — Lake e Cadbury dizem: “A palavra *epieikeia* é muito frequente nos papiros em expressões complementares nos apelos aos oficiais”. Por pouco tempo (“umas poucas palavras”, em algumas versões) é um advérbio que significa “brevemente”.

5 Temos achado que este homem é uma peste e promotor de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo, e o principal defensor da seita dos nazarenos;

- A seguir vem a primeira acusação: Temos achado que este homem é uma peste (5). A última expressão é uma única palavra em grego, e significa literalmente “pestilência”, assumindo o significado de “peste” quando se refere a uma pessoa. A segunda acusação era a de que Paulo era um promotor de sedições — “alguém que insufla os levantes” — entre todos os judeus, por todo o mundo (*oikoumene*, a terra habitada). Era exatamente isto o que o apóstolo não estava fazendo. Ao invés de agitar o povo e fazer com que se revoltasse contra o governo romano — que é o que implica esta falsa acusação — ele estava ensinando que os cristãos deveriam se sujeitar à autoridade governamental (cf. Rm 13.1-7).

- A terceira acusação era a de que Paulo era o principal defensor da seita dos nazarenos. A palavra para principal defensor, *protostates* (somente aqui no NT) é usada “adequadamente com referência aos soldados, aquele que vem em primeiro lugar, alguém que está na linha de frente (Tucídides, Xenofonte); como consequência, metaforicamente, um líder”. Seita é *hairesis*, de onde vem a palavra “heresia”. Mas no Novo Testamento, como também em Josefo, esta palavra significa uma seita ou grupo. É usada para se referir aos fariseus (15.5) e aos saduceus (5.17); os judeus consideravam que o cristianismo era apenas uma outra seita dentro do judaísmo, porém uma seita perigosa.

- Esta é a única passagem no Novo Testamento onde a expressão os nazarenos é usada como uma designação para os cristãos. Em outras partes, a palavra aparece no singular, principalmente na expressão “Jesus, o Nazareno” (lit., “Jesus de Nazaré”). Provavelmente, nazarenos aqui significa simplesmente “seguidores do Nazareno”. Em uma observação especial em “Names for Christians and Christianity in Acts”, Cadbury escreve: “O contexto do livro de Atos permite que suponhamos que se tratava de um termo de censura”. Concordando com isto, Knowling diz: “‘O discípulo não está acima do Mestre’, e o termo se aplica como uma expressão de desprezo aos seguidores de Jesus, como tinha acontecido com o próprio Jesus”. Outros nomes usados para designar os cristãos no livro de Atos são discípulos, irmãos, santos, crentes, cristãos, a igreja, a comunhão *Coinonia*) e aqueles do “Caminho”.

6 o qual intentou também profanar o templo; e, por isso, o prendemos e, conforme a nossa lei, o quisemos julgar.

- A quarta acusação era que Paulo havia intentado — lit., “tentado” ou “feito uma tentativa de” — também profanar o templo (6). É interessante observar que os judeus não o acusaram de realmente ter feito isto, mas de tentar fazê-lo. Anteriormente, os judeus da província da Ásia tinham acusado o apóstolo de ter trazido ao Templo um gentio de Éfeso, chamado Trófimo (21.28-29). Mas esta falsa acusação se baseava no raciocínio ridículo de que, como eles tinham visto Trófimo com Paulo em uma das ruas da cidade, e como agora viam Paulo no Templo, consequentemente ele deveria ter trazido este gentio para dentro do recinto sagrado — um bom exemplo de como chegar à conclusão errada a partir de duas premissas verdadeiras. Mas aparentemente os líderes judeus admitiam que não havia evidências sólidas que corroborassem esta acusação, e assim eles a modificaram perante a corte.

- É importante perceber que o assunto da entrada de um gentio além do assim chamado Pátio dos Gentios (ver o quadro A) era extremamente sério. Normalmente, os judeus não tinham a permissão dos romanos para levar ninguém à morte. “Mas uma lei dos judeus, a de que nenhum gentio deveria ter permissão para entrar na corte interior do templo, era reconhecida pelas autoridades romanas, e qualquer pessoa que a transgredisse era punida com a morte, mesmo que fosse um cidadão romano”. Assim, Paulo não estava isento. Mas se a acusação de 21.28 fosse verdadeira (não o era), seria Trófimo, e não Paulo, quem deveria ser morto.

10 Paulo, porém, fazendo-lhe o governador sinal que falasse, respondeu: Porque sei que já vai para muitos anos que desta nação és juiz, com tanto melhor ânimo respondo por mim.

- O advogado da acusação tinha apresentado o seu caso, e agora a oportunidade era dada para que a defesa respondesse. Paulo não tinha advogado, então ele fez autodefesa.

- Em contraste com a excessiva adulação de Tértulo, Paulo fez uma introdução cortês, mas contida.

Ele estava sinceramente agradecido por estar sendo julgado perante um oficial — que vai para muitos anos que desta nação és juiz (10), e assim estaria familiarizado com os costumes judeus. Josefo indica que Félix sucedeu Cumano como governador em 52 d.C.443 Mas Tácito afirma que “a Galileia era governada por Cumano e Samaria por Félix”. Bruce comenta: “Podemos concluir, comparando os dois relatos, que Cumano foi o procurador da Judéia entre 48 e 52, enquanto Félix ocupava uma posição subordinada em Samaria. Quando Cumano caiu em desgraça em 52, Félix foi promovido à procuradoria de toda a província, uma honra sem precedentes para um escravo liberto”. Uma vez que o julgamento de Paulo aconteceu em 56 (ou possivelmente em 57), Félix já estava vivendo na Palestina por cerca de oito ou nove anos. Posteriormente, o apóstolo (cap. 25) se encontraria em desvantagem perante Festo, que tinha acabado de chegar de Roma e não estava acostumado com os hábitos dos judeus.

- Respondo por mim (*apologeomai*) significa literalmente: “faço a minha defesa”. Este é um termo judicial técnico.

11 Pois bem podes saber que não há mais de doze dias que subi a Jerusalém a adorar;

- Pois bem podes saber (11) quer dizer “como podes verificar” (RSV). Félix poderia “facilmente verificar o fato” (Phillips) de que somente doze dias tinham se passado desde que Paulo subiu até Jerusalém para adorar. Isto significaria que ele tinha passado somente cerca de uma semana em Jerusalém (ver os comentários sobre o v. 1). O significado desta referência cronológica é assim explicado por Knowling: “A curta duração do período permitiria que Félix obtivesse o conhecimento exato dos eventos que tinham acontecido, e o apóstolo também pode estar indicando que o tempo foi muito curto para incitar uma multidão a um levante”. Lumby contabiliza assim os doze dias: “O dia da chegada de Paulo; o encontro com Tiago no segundo dia; cinco dias podem ser atribuídos à vida no Templo durante os votos; então a audiência perante o conselho, no dia seguinte à conspiração. No décimo dia, Paulo chegou a Cesaréia e no décimo terceiro dia (o que deixa cinco dias, 14.1, como os judeus contam a partir da conspiração até a audiência em Cesaréia) Paulo está diante de Félix”. Paulo prosseguiu com uma negação completa da acusação de que ele era “promotor de sedições”

12 e não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade;

- O versículo 12 tem uma sequência de palavras incomum. Uma boa tradução é: “E não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade”. Foram os judeus antagonistas que incitaram a multidão (cf. 21.27). O prisioneiro desafiou os seus acusadores a provar as acusações contra ele (13).

13 nem tampouco podem provar as coisas de que agora me acusam.

14 Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas.

15 Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos.

- Uma coisa Paulo confessou: conforme aquele Caminho, a que chamam seita (14) — em algumas versões, “heresia”; ver a mesma palavra no versículo 5 — assim sirvo ao Deus de nossos pais,

crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas — lit., “todas as coisas que estão de acordo com a lei e que foram escritas pelos profetas”. O que Paulo quer dizer é que era ele, e não os seus acusadores judeus, que era fiel às Escrituras hebraicas. Como diz Maclaren: “Ele afirma que eles não acreditam nem na lei nem nos profetas, caso contrário também seriam nazarenos”. Além disso, ele sustentou a esperança da ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos (15). Esta era uma crença que ele partilhava com os fariseus, embora eles acreditassem mais fortemente na ressurreição dos justos do que na dos injustos.

16 E, por isso, procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens.

- A seguir, Paulo fez uma poderosa afirmação: por isso, procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens (16). Alexander escreve: “Procuro ter (eu mesmo) — um verbo que denota originalmente algum tipo de trabalho pesado; mais tarde, aplicado especialmente ao treinamento dos atletas e então à disciplina moral, especialmente àquela do tipo mais severo”. E acrescenta: “Aqui, a expressão denota não somente a prática constante e habitual, mas um esforço metódico e sistemático”.

- Os gregos talvez tenham sido os primeiros a desenvolver um conceito de consciência. A palavra em português se origina do latim *cum* (com), que significa “com”, e *scire* “saber”. Portanto, significa “saber com” — “propriamente ‘co-conhecimento’, uma segunda consciência reflexiva que um homem tem juntamente com a sua consciência original de um ato”. A palavra grega *syneidesis* tem exatamente o mesmo sentido que a latina *conscientia* — “co-conhecimento”. Primeiramente significava “consciência”. Thorton Duesbery afirma que a ideia moderna de uma consciência moral não é encontrada na filosofia grega clássica, mas aparece “quando os judeus e os gregos se encontram e trocam ideias nos três últimos séculos antes de Cristo”.

- Sobre a expressão sem ofensa, Alexander faz este comentário auxiliar: “Em grego esta é uma única palavra, que sugere duas ideias, sem estar ofendido e sem ofender, ou seja, uma consciência que não está ferida por nenhuma transgressão, nem permite que eu seja o meio de ferir aos demais”. Paulo procurava evitar ofender e também ser ofendido. E interessante observar que, além do seu uso aqui no discurso de Paulo diante de Félix, este adjetivo só é encontrado no Novo Testamento nas epístolas de Paulo (1 Co 10.32; Fp 1.10).

- No texto grego, sempre vem bem ao final da frase. Knowling diz que a palavra é “enfática aqui no final da sentença, implicando que o objetivo da vida do apóstolo iria libertá-lo da suspeita que aquelas acusações tinham feito cair sobre ele”. Além disso, sempre é, no grego, uma expressão, “durante tudo/toda”, e significa não apenas “em todos os tempos” — que é o seu sentido moderno — mas “de todas as maneiras”, lit., “em meio a tudo”. Paulo novamente insiste (cf. 23.1) que ele era e sempre tinha sido um judeu consciente e coerente.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Uma esperança inabalável perante os poderosos**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GABY, Wagner. **A Igreja dos Gentios - Da Chamada Missionária à Consolidação do Evangelho Entre os Povos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- _____. **Lições Bíblicas: A Igreja dos Gentios - Da Chamada Missionária à Consolidação do Evangelho Entre os Povos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **Uma esperança inabalável perante os poderosos**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **Uma esperança inabalável perante os poderosos**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Uma esperança inabalável perante os poderosos**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.